

Autobiografias



Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000 Lisboa
Telef.: 847 44 50 Fax: 847 07 75
Internet: <http://www.relogiodagua.pt>
mail: relogiodagua@relogiodagua.pt

Título: Autobiografias — *Solicitação do Livro na Ficção e na
Ficção de Machado de Assis*

Autor: Abel Barros Baptista

Capa: Fernando Mateus sobre foto *Ruínas da biblioteca da Holland
House em Londres*, cerca de 1940, © Hulton Getty

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 1998

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Impressão: Sociedade Industrial Gráfica, Lda.

Depósito Legal n.º: 130171/98

Abel Barros Baptista

Autobiografias

*Solicitação do Livro na Ficção
e na Ficção de Machado de Assis*

À Volta da Literatura

do título

La réduplication du livre en son propre sein, la représentation de soi de la littérature, le récit pour toute œuvre de sa propre naissance — de sa propre délivrance —, son auto-analyse, ou encore l'involution de son message en exhibition de son code, ou la figuration de son procès dans le processus, narratif ou démonstratif, de la formation de ses figures, ou la mise en jeu de ses règles par les règles mêmes de son jeu, tout cela que d'un mot je nommerai l'auto-bibliographie, tout cela date de l'invention du livre.

Jean-Luc Nancy

Solicitação. [Do lat. *sollicitatione*] S. f. **1.** Acto ou efeito de solicitar; pedido. **2.** Pedido insistente; rogo, súplica. **3.** Tentação capaz de atrair; convite, apelo: *as solicitações da sociedade de consumo*. **4.** *Estrut.* Causa exterior (força, variação de temperatura) capaz de alterar o estado de tensão de um corpo ou de nele provocar uma deformação.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

On perçoit la structure dans l'instance de la *menace*, au moment où l'imminence du péril concentre nos regards sur la clef de voûte d'une institution, sur la pierre où se résumait sa possibilité et sa

fragilité. On peut alors menacer *méthodiquement* la structure pour mieux la percevoir, non seulement en ses nervures mais en ce lieu secret où elle n'est ni érection ni ruine mais labilité. Cette opération s'appelle (en latin) *soucier ou solliciter*. Autrement dit *ébranler* d'un ébranlement qui a rapport au *tout* (de *sollus*, en latin archaïque: le tout, et de *citare*: pousser).

Jacques Derrida

do livro

O presente trabalho — originalmente destinado a uma prova universitária — propõe-se como um ensaio sobre a questão do livro enquanto questão inseparável da emergência e do estatuto do romance moderno, o que quer dizer que não o ocupa a delimitação ou o estudo do conjunto de traços que fazem do romance uma forma específica de livro, mas a questão de saber o que acontece ao livro — à noção de livro em geral e à possibilidade de uma noção de livro em geral — quando o romance se constitui livro, ou que faz o romance com o livro quando recebe a herança do livro. Por isso se poderá ler aqui o fio de uma elaboração que pressupõe uma discussão actual em torno do livro — decadência ou renovação, futuro ou destino, vida ou morte, etc. — e que, nas suas consequências mais radicais, nela intervém de modo oblíquo com a ideia de que, delimitando e examinando aquilo que, nas formas em suposto declínio, anuncia já a morte do livro, é possível compreender que muitas das figuras actuais desse declínio representam afinal modalidades de reedição, na precisa medida em que deixam intacto o ideal clássico do livro. A discussão do futuro do livro tipográfico na «era electrónica», por exemplo, permanecerá embaçada enquanto não tocar o privilégio da noção de comunicação, cuja persistência é responsável pela configuração da história do livro como um combate prolongado em que o ideal «natural» de uma comunicação directa e transparente — isto é, afinal, o ideal de uma comunicação sem livro — se opõe à indispensabilidade de um suporte material de inscrição: a superioridade de cada forma

relativamente às anteriores aferir-se-ia, assim, pelo aperfeiçoamento da aptidão do suporte material para se apagar no decurso do processo de comunicação. Isso mesmo terá decidido o privilégio histórico do livro tipográfico. Ora o romance moderno impôs, e hoje exemplifica, o protagonismo do livro tipográfico na literatura: emergindo inseparável desse suplemento aperfeiçoador que é a tipografia, primeiro género literário que mantém com o livro uma relação necessária, o romance define-se por um tipo de decurso e por um estatuto institucional que resistem ao ideal de uma comunicação sem livro que inexoravelmente o afecta também. Este ensaio ocupar-se-á dos meios e de alguns episódios dessa resistência.

O modo como o fará, entretanto, tem as suas particularidades, e não será uma das menos significativas o emaranhado de caminhos a que sujeita o trânsito. De tal modo que, se haverá por certo quem o reduza a uma leitura crítica, longamente preparada e enquadrada por protocolos e digressões, do romance Dom Casmurro, para alguns poderá ser um ensaio sobre o género romanesco centrado na obra de Machado de Assis, convocada a título de exemplo, enquanto outros poderão privilegiar as leituras de Cervantes, Laclós, Rousseau, Melville, Flaubert ou Borges, ou a construção teórica de uma noção de livro adequada aos estudos literários. Não pretendo com isto alardear superabundância ensaística, mas apenas sublinhar as consequências inevitáveis do sentido do projecto e da natureza dos procedimentos de leitura. Cumpro, por isso, deixar aqui dois esclarecimentos, o primeiro respeitante ao projecto, o segundo ao procedimento. Outros esclarecimentos que se revelem necessários surgirão (ou não) no decurso do próprio ensaio.

Quanto ao projecto, ele enuncia-se no subtítulo: solicitação do livro na ficção e na ficção de Machado de Assis. Atendendo à ambivalência do termo, a solicitação como procedimento tem um agente e um destinatário que pode ser também, por seu turno, agente: aliás, por vezes (ou sempre?), dá-se o caso de a sua qualidade de agente lhe conferir a de destinatário. O caso de Machado de Assis é uma das vezes em que se dá esse caso. Assim, o projecto envolve dois movimentos distintos, para não dizer que obriga o ensaio a dividir-se em dois ensaios, distintos mas mutuamente implicados:

O primeiro: a ficção de Machado de Assis solicita a questão do livro. Neste movimento, o ponto de partida passa pela determinação dos lugares da ficção machadiana em que a questão do livro é solicitada. Este trabalho é realizado na parte intitulada «A errata pensante (I)». Não procedo a uma abordagem exaustiva de todos os lugares machadianos em que a questão do livro se levanta, mas também não se trata de uma escolha aleatória: são antes momentos exemplares, ou seja, singulares e por isso insubstituíveis, no sentido em que apenas eles exemplificam a estrutura geral que os torna possíveis — a estrutura de uma ficção solicitadora da questão do livro. A partir das linhas problemáticas determinadas nesse primeiro capítulo, trata-se, em seguida, de pensar a relação do romance com o livro independentemente da ficção machadiana, independentemente também dos esclarecimentos que essa reflexão possa produzir sobre a ficção machadiana. A relação com Machado, no entanto, não se dissolve, posto seja indirecta: trata-se de pensar uma aprendizagem que atravessa a leitura do romance machadiano, mas não se esgota nela. A própria exemplaridade da obra de Machado, como se compreende, é assim abordada indirectamente. Este primeiro movimento realiza-se, prolongando a parte introdutória intitulada «Antes de começar», nas secções «Papéis avulsos (I)» e «Papéis avulsos (II)», a primeira ocupando-se da questão da resposta e da responsabilidade, a segunda centrando-se estrategicamente na relação do livro com o manuscrito no motivo romanesco do manuscrito encontrado, para chegar a uma articulação da condição do romance como livro tipográfico com a questão da resposta e da responsabilidade. O trabalho que aí se realiza não é puramente teórico, sequer impuramente, aliás: o tecido daqueles «papéis avulsos» faz-se de leituras diversas, ligadas entre si por conexões frágeis na medida em que apenas as linhas de argumentação as sustentam.

O segundo: a questão do livro solicita a ficção de Machado. É um movimento de leitura que corresponderia, em termos correntes, ao movimento clássico ou institucional da «dissertação sobre...»: trata-se de analisar a ficção de Machado de Assis como ficção do livro em que o livro é inviabilizado pela ficção, ou seja, trata-se de solicitar a acção do livro na ficção machadiana e a acção desta sobre o livro. Também aqui as conexões se revelarão di-

tadas pelas linhas da argumentação: será possível, por exemplo, passar do célebre e desconfortável problema da divisão em duas fases a um esboço de evolução da assinatura machadiana, incluindo uma apreciação crítica da crítica machadiana moderna, para rematar enfim com um exercício de retórica da leitura em que a distinção entre alegoria e enigma desempenhará o papel principal. Este trabalho realiza-se na secção «A errata pensante (II)» e, em muitos aspectos, prepara o conjunto de análises da secção seguinte, cujo centro de gravidade é o romance Dom Casmurro: a leitura da ficção do recurso ao livro procurará mostrar não apenas a impossível coincidência do romance com o livro, mas ainda o que está em jogo na busca dessa coincidência e na revelação da sua impossibilidade: o trágico. Em momento algum se pretende — posto tal efeito seja incontornável e, em certa medida, inevitável — fazer corresponder esta leitura, nos procedimentos ou nas conclusões, a uma aplicação confirmadora dos movimentos realizados em «Papéis Avulsos» I e II. Aliás, como deixei dito, esses «Papéis Avulsos» são já, eles próprios, leituras, o que, em princípio, bloqueia uma dimensão aplicativa que pretendesse fazer da ficção machadiana uma ilustração de elaborações teóricas construídas independentemente dela.

Numa palavra, o projecto, embora não se esgote no procedimento, chega a confundir-se com ele, e a solicitação é um procedimento de leitura. Não se trata de chamar o próprio texto ao seu próprio esclarecimento, embora a maneira de a solicitação se dirigir ao texto afirme a repetição do texto que todo o comentário analítico não pode deixar de operar: a solicitação dirige-se ao texto singular e procura a singularidade de cada texto a que se dirige. Por isso, a solicitação, enquanto procedimento de leitura, não deverá aparecer como uma variante da noção geral de interrogação crítica. Procuo-a antes como uma modalidade de leitura que desarticula a exigência de resposta no processo da interrogação crítica: a solicitação é da ordem do nome, do apelo, da interpelação, não da apreensão, da apropriação, da comunicação ou da informação. Eis porque, aliás, se falará tanto em resposta e em exigência de resposta, em resposta sem resposta que resiste à exigência de resposta. E eis porque, ademais, todo o empreendimento se torna possível. Suponhamos que queremos saber o que é um li-

vro e que relação mantém o romance com o livro. Solicitamos a ficção de Machado de Assis a fim de que nos esclareça a esse respeito. O termo solicitação envolve logo aqui duas diferenças decisivas. Por um lado, indica que não basta interrogar ou perguntar seja o que for ao texto para que ele nos dê respostas: é preciso solicitar, ou seja, o texto resiste à interrogação e pode resistir designadamente pelo silêncio, e a solicitação não procura quebrar tal resistência, antes deverá acolhê-la como uma das condições do esclarecimento que procura. Assim, a solicitação não partilha a ideia clássica que diz que os livros nunca respondem às perguntas que lhe fazem, nem aceita o lugar-comum contemporâneo que diz que os textos respondem consoante as perguntas que lhe fazem. Terei oportunidade de mostrar, julgo, como o romance exemplifica historicamente esta modalidade de leitura em que toda a exigência de resposta enfrenta a inexorabilidade de uma não-resposta. Por outro lado, solicitando determinado texto em vez de outro, pressupomos que o solicitado, por circunstância ou desígnio próprio, tem condições particulares para satisfazer a nossa solicitação. A minha tese conjuga estes dois aspectos sustentando que a ficção machadiana solicita ela própria o livro na medida em que é antes do mais uma ficção da experiência do livro, quer dizer, da aprendizagem e do risco do livro. O que nos conduz a um outro sentido de solicitação, em que o texto, de paciente da operação solicitado-ra, se torna agente: é o texto agora que solicita o livro. Assim, se vamos solicitar a ficção de Machado de Assis a fim de que nos esclareça sobre o livro ou sobre a relação do romance com o livro, é porque o próprio texto machadiano faz sua essa solicitação, criando ficções de livro e ficções de autores a fim de ele próprio esclarecer o que é um livro ou qual é a relação do romance com o livro. Estas duas solicitações não são indiscerníveis, pois não têm a mesma natureza: em princípio não se confundem ao longo do trabalho. O lugar possível de confusão será antes este: qual delas é original e qual é derivada, a que se dirige à ficção de Machado ou a que dela parte? Aqui é que não será possível discernir o limite em que acaba um movimento e outro começa ou o ponto em que um é a causa de que o outro seria o efeito. Digamos antes, provisoriamente ou de uma vez para sempre, que existe uma solidariedade que os torna inseparáveis, pois ambos se orientam segundo

um sentido comum de solicitação, que é o terceiro sentido do termo a esclarecer: é o processo de busca do ponto de ruína de um edifício, isto é, do ponto em que o livro se mostra não como estabilidade mas como labilidade, não como edifício mas como construção. Daí que a impressão, possível e, reconheço, exasperante, de que o trabalho analítico que aqui se empreende se perde demasiado em minúcias, seja na verdade uma impressão falsa: é o grande edifício do livro que se perde e arruína nas minúcias, nos pormenores, nos pequenos pontos obscuros excluídos ou obscurecidos pelas «grandes» leituras. A solicitação é ou deve ser atenta, minuciosa, morosa e paciente: os pontos críticos em que o livro se solicita são lugares mínimos noutros lugares mínimos, obscuros ou obscurecidos, marginais ou marginalizados, mas tudo depende deles: tudo, quer dizer, não a nossa capacidade de destruir o edifício, mas a possibilidade de o próprio edifício se edificar. Se se quiser, o pequeno, e por isso não se põe aqui a questão do minimalismo, arrasta a ruína do grande. A metáfora do edifício — que é também uma das metáforas do livro, ou uma das metáforas da completude do livro como construção sujeita a uma técnica, governada por um projecto e orientada por uma utilidade — mereceria um trabalho que aqui não realizarei. Aliás, Dom Casmurro seria uma excelente oportunidade, dada a importância da casa, da edificação, da demolição e da reconstrução da casa: mas serei levado a tratar esse tema concluindo, de forma talvez deceptiva, que por força da casa, mas não só dela, o livro de Dom Casmurro resultará uma ruína de um edifício que nunca chegou a existir. Isso mesmo, de resto, faz desse romance o paradigma da ficção do livro e da acção da ficção sobre o livro. Eu gostaria de afirmar a dimensão afirmativa dessa ruína, e gostaria de mostrar que a solicitação é um processo de esclarecimento e não de destruição, de aprendizagem e não de relativismo estéril, ainda que com riscos, ou com o risco da perda, do desvio, do descaminho, da desfiguração. Suponho, porém, que não há aprendizagem sem risco, e por isso falo de experiência e de experiência da solicitação. No essencial, o risco maior nunca se elimina, porque é inerente à própria actividade da leitura: chamar um texto a confirmar análises e argumentações, sabendo de antemão que nunca as confirmará. A solicitação é um procedimento de leitura que conhece este risco, que

não o ilude e que, sobretudo, exulta com indisfarçável entusiasmo no momento em que se revela inexorável. A experiência da solicitação enfrenta, por isso, o momento mais difícil quando, ao cabo de análises, leituras, demonstrações ou argumentações, ao cabo de um fio linear de raciocínio ou no curso e recurso de elaborações tortuosas, encontra nada mais ou nada menos do que o silêncio de uma assinatura. Creio que esse é verdadeiramente o momento em que a leitura se cumpre como leitura e o leitor se vê chamado a uma responsabilidade em que ninguém o poderá substituir, ou seja, chamado a responder pela sua leitura e pelo que dela resulta, ou ainda, chamado a inscrever a sua assinatura na solidão afectada pelo silêncio da assinatura do outro. Isto, parece-me, é muito diverso de dizer que os livros persistem sempre dizendo o mesmo ou que nunca respondem às perguntas que lhes fazemos.

O resultado final é, apesar de tudo, um livro. Que seja um livro capaz de se solicitar a si mesmo enquanto livro à medida que solicita outros, eis o que não me atrevo a deixar escrito senão como esperança, ou como declaração final do sentido último de tudo isto.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1998

1.
ANTES DE COMEÇAR

Prolegómenos para Uma Solicitação Futura

Ce qui est pris dans la clôture dé-limitée peut continuer indéfiniment. Pourvu qu'on ne se contente pas de lire le titre [«La fin du livre et le commencement de l'écriture»], celui-ci annonce précisément qu'il n'y a pas de fin du livre et qu'il n'y a pas de commencement de l'écriture.

Jacques Derrida

0.

PRÓLOGO

Antes de começar, duas observações sumárias:

1. Na impossibilidade de — pacientemente — copiar para aqui frases, aforismos ou capítulos inteiros que não se recomponham num livro único desprezando o lugar de onde foram extraídos, e na impossibilidade de fazer do *livro* um tema, um assunto, um objecto ou sequer uma perspectiva de análise, é preciso escrever solicitando o livro na ficção do livro: escrever sobre o livro antes do livro.

Convém, em seguida, reconhecer que este livro se vai escrever depois de vários livros terem sido escritos anunciando o fim ou a morte do livro. Será necessário pressupor uma certa *sobrevivência* do livro para empreender, com assumida legitimidade, um trabalho de solicitação do livro na ficção, ainda quando o âmbito deste livro se proponha ou se suponha circunscrito a uma época e a um género de livro incapazes de prever ou sequer imaginar que o fim ou a morte do livro seriam anunciados um dia, quer dizer, ignorando Mallarmé, antes de Proust e de Joyce, de Kafka, de Borges ou de Beckett?

É possível, no entanto, que bem antes da época de Machado de Assis e nesse mesmo género esquivo que é o romance, actuasse já o anúncio do fim do livro e do sistema que lhe definia o privilégio: quem sabe até se o romance não depende essencialmente do gesto desse anúncio?

2. Ao contrário do que sugerem certas ilusões em volta dos chamados novos meios de comunicação e de informação, de conservação e de difusão do saber — ou, se calhar, por causa delas —, a questão do livro não está presa no passado, nem a sua pertinência se esgota na leitura do passado. A questão do livro, e em especial a questão do livro inseparável da questão do romance, respeita ao futuro. Entendamo-nos: ao futuro por vir, não ao presente do próximo século. Aceitar-se-á com facilidade que o livro, todo o livro, é um meio de transporte para o futuro: *scripta manent*, pelo menos até certo ponto. Mas, ainda sem questionar a metáfora do meio de transporte, convém lembrar que o livro é um meio de transporte para o futuro que justamente *não nos transporta para o futuro*: pelo menos até certo ponto, o livro transporta-se para o futuro.

É possível, por isso, que algumas figuras contemporâneas da morte do livro não passem de uma reedição do livro, como é possível que a sobrevivência da questão do livro se faça paradoxalmente à custa da morte do livro, e que esta, por sua vez, implique a morte do leitor: não o nascimento do leitor que Barthes euforicamente anunciou há trinta anos, mas a sua morte enquanto consequência necessária da morte do autor. É possível.